

TATUAGENS GEOGRÁFICAS

Valéria Cazetta
Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH
Universidade de São Paulo – USP
Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Cultura Visual e
Experimentações Geográficas – MIRAGEM,
vinculado à Rede *Imagens, Geografias e Educação*.
vcazetta@usp.br

RESUMO

Abordo neste texto mapas tatuados em corpos. Eis meu recorte escalar: o corpo e os mapas nele grafado. Cabe ressaltar que estudar a corporeidade insere-se em um projeto mais amplo intitulado *Geografias e(m) Corpos*. Há várias pesquisas publicadas sobre tatuagens, mas nenhuma em especial, sobre mapas tatuados. No entanto, alguns destes trabalhos ao abordarem as modificações corporais mais no âmbito da cultura do que da natureza, apresentam contribuições importantes na contemporaneidade acerca da *body modification*. Debrucei-me, nesta primeira etapa da pesquisa, sobre as imagens das tatuagens geográficas disponibilizadas em vários sítios da internet.

INTRODUÇÃO

Abordo neste texto mapas tatuados em corpos. *Corpus* tatuados em corpos. Eis meu recorte escalar: o corpo e os mapas nele grafado. Este encontro (mapas e corpo) vem se dando há muito tempo, mas recentemente comecei a ter mais clareza disso. Outrora: geografia. Agora: geografias, porque somos seres geográficos, embora nem sempre consigamos falar como geógrafos ou, dizendo de outro modo, nem sempre

suponhamos que entre o oeste e o leste uma certa segmentaridade se instala, oposta em uma máquina binária, arranjada em aparelhos de Estado, sobrecodificada por uma máquina abstrata como esboço de uma Ordem mundial. É então de norte a sul que se faz a “desestabilização”, como diz melancolicamente Giscard d'Estaing, e que um riacho, embora pouco profundo, se abre e põe novamente tudo em jogo, derrota o plano de organização (DELEUZE e PARNET, 1998, p.106-107).

Tomo as geografias, aqui, no plural para dar conta do meu movimento reflexivo que não se contenta mais em considerar a cartografia como linguagem oficial dos estudos geográficos, mas como linguagem que se espalhou para além das fronteiras de suas linhas, pontos e áreas da superfície bidimensional do papel, ganhando outros suportes como, por exemplo, a pele – fronteira tênue entre a profundidade e, ao mesmo tempo, superficialidade da vida. Talvez a pele seja o que há de mais intenso daquilo que se experimenta ou experimentou dos sonhos.

Corpos e geografias. Par que tenho perseguido desde a publicação do ensaio *coreo-geo-grafias em Pina: para fazer a geografia dançar* (CAZETTA, 2013), ao ser, tremendamente, afetada pelo longa-metragem dirigido pelo cineasta alemão Win Wenders chamado *Pina* por meio do qual pude acessar parte da potência de alegria e de vida da coreógrafa e bailarina alemã Pina Bausch que dirigiu, no período de 1973 a 2009, a Companhia Tanztheater de Wuppertal. Ir ao cinema para ver *Pina* foi um encontro – tomado aqui no sentido dado por Deleuze (p.10) para o qual “não se tem

encontros com pessoas, e sim com coisas, com obras” -, me proporcionando coragem suficiente para assumir outro modo de dizer acerca do trabalho que tenho realizado em contexto acadêmico: ir ao encontro de nossos afetos, ou seja, dos devires, pois “ora eles nos enfraquecem [...], ora nos tornam mais fortes, quando aumentam nossa potência e nos fazem entrar em um indivíduo mais vasto ou superior (alegria)” (DELEUZE e PARNET, 1998, p.49).

Não me sinto mais sozinha e nos últimos tempos aprendi a encontrar geografia(s) nos escritos de autores não geógrafos. Não que os escritos dos geógrafos não sejam importantes para mim. Mas decidi encontrar-me com outras experiências bibliográficas, visuais, sensoriais e por aí vai. Se antes, uma linha dura me impedia de considerar a geografia no plural, agora ela opera junto das linhas flexíveis e das linhas de fuga. E por isso que “há toda uma geografia nas pessoas” (p.09) que não é “menos mental e corporal quanto física em movimento” (p.31). “Ora são as geografias que marcam a nossa corporeidade, ora somos nós que cicatrizamos o espaço, ora nem um nem outro, ora ambos estão imbricados” (CAZETTA, 2013, p.25).

Estes encontros todos me ensinaram o exercício da espreita, evidenciando-me um desejo incontrolável em penetrar naquilo que, talvez, haja de mais intenso na corporeidade: a pele, bem como aquilo que fazemos com ela. Cabe ressaltar que meu interesse em estudar a corporeidade insere-se em um projeto mais amplo intitulado *Geografias e(m) Corpos*, delineado recentemente e que será realizado em duas etapas. Neste texto, tratarei da primeira etapa, a saber, as imagens de mapas tatuados sobre a superfície da pele e disponibilizadas na *World Wide Web*. Estas linhas são sempre grafadas no meio. No corpo elas estão na fronteira epidérmica das sensações corpóreo-mundanas. Nos mapas elas situam-se nas áreas fronteiriças dos territórios que, em alguns casos, movem-se constantemente, delimitando negociações políticas que resultam em territórios - materializadas em cercas (de arame farpado), muros, muralhas, paredes... Limites tênues entre as imaginações espaciais e aquilo que se efetiva no espaço em termos de territórios e territorialidades. Na pele as linhas grafadas delineiam contornos geo-carto-gráficos permanentes e coloridos de sentido.

Delinear e delimitar – verbos com significados e sentidos completamente distintos. Um dos significados do primeiro é: “traçar um projeto; planejar; tramar” (GEIGER, 2012); ou ainda uma “linha onde alguém se solta” (DELEUZE e PARNET, 1998, p.39) para experimentar “protocolos de experiência” (p.39) que nada mais são do que “meios de orientação para conduzir uma experimentação que ultrapassa nossas capacidades de prever” (p.39). Delimitar, por sua vez, implica em “determinar, espacialmente, os limites de; demarcar” (GEIGER, 2012); fixar as linhas de fluxos “que ora secam, ora congelam ou transbordam, ora se conjugam ou se afastam” (DELEUZE e PARNET, 1998, p.39).

Linhas tatuadas ou linhas que delimitam territórios tanto no plano do papel quanto no espaço, nesse chão pisado por nós (ou não) diariamente, porque há espaços que somos impedidos de pisar, usar. Quando essas mesmas linhas são grafadas no corpo, formando tatuagens geográficas e funcionando como segunda pele ganham outros sentidos. E são em busca destes mapas e dos sentidos atribuídos a eles pelas pessoas que decidiram grafá-los que minha rota será desenhada a partir da segunda etapa desta pesquisa.

Há várias pesquisas publicadas sobre tatuagens, mas nenhuma em especial, sobre mapas tatuados. No entanto, alguns destes trabalhos me interessaram, pois apresentam discussões importantes na contemporaneidade acerca da *body modification*. Este conceito é “usado para designar as modificações corporais executadas das mais

diversas formas – usando-se desde produtos químicos até intervenções cirúrgicas” (PIRES, 2005, p.19). Outros trabalhos que merecem destaque são os de Couto (1998), Perez (2006), Sabino e Luz (2006), Braga (2009), Carvalho (2009), Ferreira (2010), Lise et al. (2010) e Caroni e Grossman (2012).

Estas pesquisas auxiliaram-me a situar as modificações corporais mais no âmbito da cultura do que da natureza (COUTO, 1998; PIRES, 2005, WILLIAMS, 2005), pois a cultura sempre teve sua importância, mas “disso não decorre, entretanto, que as ciências humanas e sociais tenham sempre dado à cultura uma centralidade substantiva ou o peso epistemológico que ela merece” (HALL, 1997, p.16). Ainda de acordo com este autor

A expressão – “centralidade da cultura” - indica aqui a forma como a cultura penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, *mediando* tudo. A cultura está presente nas vozes e imagens incorpóreas que nos interpelam das telas, nos postos de gasolina. Ela é um elemento chave no modo como o meio ambiente doméstico é atrelado, pelo consumo, às tendências e modas mundiais [...] A substantiva expansão da “cultura” que hoje experimentamos, não tem precedentes. Mas a menção do seu impacto da “vida interior” lembra-nos de outra dimensão que precisa ser considerada: a centralidade da cultura na constituição da subjetividade, da própria identidade e da pessoa como um ator social (HALL, 1997, p.22-24).

Se hoje existe a possibilidade de grafar a pele, partindo do *Photoshop Style* – estilo criado pelo tatuador francês Xöil ao combinar estampas texturizadas com padrões geométricos – é porque há cada vez um entrecruzamento de linguagens proporcionado pela sociedade do *mass media* que “abre caminho a um ideal de emancipação que tem antes na sua base a oscilação, a pluralidade, e por fim o desgaste do próprio ‘princípio de realidade’” (VATTIMO, 1992, p.13).

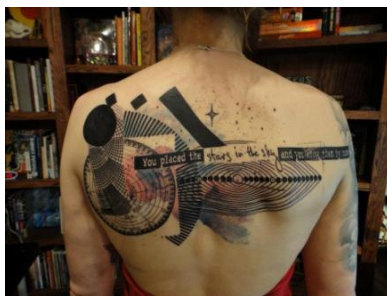


Imagem 1

PARADOXOS DAS LINHAS GEO-GRAFADAS NA PELE

Os contornos dos mapas tatuados na pele são um paradoxo. Primeiro porque se originam da cartografia cartesiana, com suas linhas duras que são empregadas de modo técnico e objetivo para esquadrihar territórios ou “espaços lisos” – tipo de espacialidade “homogeneizante, imposto pela ordem social e política dominante” (HAESBAERT, 2006, p.13). Mas interessante notar como essas linhas tem ganhado outros usos e sentidos quando são transferidas para a pele. Daí a importância de estar à espreita, pois em verdade, o deslocamento dessas linhas para a epiderme vem acontecendo (nas costas dos pesquisadores) há bastante tempo, operando *com* e não *contra* as linhas duras traçadas pelos cartógrafos e, atualmente, pelos tatuadores. Estes mapas oriundos de uma cartografia mais sistematizada e científica também possuem sua

importância, pois se “a cartografia e os mapas adquiriram uma identidade meramente prática – e técnica” (FONSECA e OLIVA, 2013, p.14) foi porque o “pensamento teórico e reflexões foram abolidos do seu campo, com base numa das ilusões mais comuns e ingênuas que ainda circulam nas áreas do conhecimento elaborado: a de que a prática resolve e a teoria é inútil” (p.14).

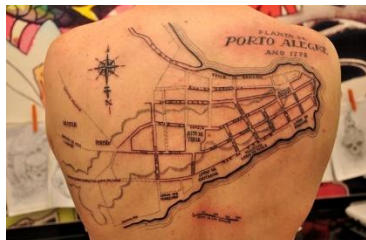


Imagem 2



Imagem 3

O segundo paradoxo diz respeito à cosmologia espacial. O espaço imaginado “como algo a ser atravessado e, talvez, conquistado [...] facilmente nos leva a conceber outros lugares, povos, culturas, simplesmente como um fenômeno ‘sobre’ a superfície” (MASSEY, 1998, p.22 e 23).



Imagem 4



Imagem 5

Embora eu saiba que a função desempenhada por esses mapas tatuados na pele é diferente daqueles mapas elaborados na superfície bidimensional do papel ou disponibilizados em vários sítios da internet por meio dos diferentes suportes oriundos das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), talvez “nossa noção de mapa tenha ajudado a apaziguar, a retirar a vida do modo como muitos de nós, mais comumente, pensamos sobre o espaço” (MASSEY, 2008, p.159). Certamente para melhor compreender os motivos pelos quais um grande grupo de pessoas tem investido na experiência estética de grafar a pele com mapas, partindo de uma cosmologia vinculada aos mapas ocidentais, “normais”, será necessário estabelecer diálogos com elas, afinal, “um mapa de uma geografia não é aquela geografia” (p.160) e os “corpos não se definem por seu gênero ou sua espécie, por seus órgãos e suas funções, mas por aquilo que podem, pelos afetos dos quais são capazes, tanto na paixão quanto na ação” (DELEUZE e PARNET, 1998, p.49). Ainda de acordo com Deleuze e Parnet (1998, p.09) “as coisas, as pessoas, são compostas de linhas bastante diversas, e que elas não sabem, necessariamente, sobre qual linha delas mesmas elas estão, nem onde fazer passar a linha que estão traçando”. Por isso a necessidade de grafar mapas na pele?

As pessoas ao traçarem linhas que dão a ver formas cartográficas na superfície da pele cicatrizam acontecimentos na escala geográfica do corpo e dada intensidade com que foram vividos rompe com a fronteira tênue e, ao mesmo tempo, profunda da pele – terceiro paradoxo das linhas. A epiderme,

órgão fronteira entre o dentro e o fora, entre o interior e o exterior [...], tem funcionado como limite, como fronteira instituinte de um espaço sagrado e interdito – o interior do corpo – cujo acesso, tradicionalmente, era apenas permitido a um conjunto de peritos investido de autoridade medicamente consagrada, em situações elas próprias também legitimadas de um ponto de vista clínico [...] Ainda hoje, cruzar a fronteira entre o exterior e o interior do corpo é um acto particularmente poderoso, na medida em que, ao exigir uma determinada forma de legitimidade social, ancorada na detenção de determinadas competências especializadas, confere um elevado grau de poder (social ou simbólico) a quem o pratica (FERREIRA, 2010, p.232-233).

Quais as razões pelas quais as pessoas tatuam mapas na superfície da pele? Para trazer muitos desses espaços distantes para perto? Este “aproximar” por meio da grafia na/da pele de algum lugar longínquo ou desejado de ser pisado pelos próprios pés, quando cartografado no corpo, produziria imaginações e sensações espaciais acerca do mesmo? Desejo de apreender a diversidade geográfica em sua inteireza (cosmologia bastante difundida pela imaginação espacial da cartografia cartesiana), geografando-a na pele? Além disso, as pessoas estariam a geografar o corpo para devolver à vida o que a ela pertence, ou seja, a intensidade das experiências corporais e espaciais cotidianas? Nesse sentido, a escolha do tipo de mapa a ser tatuado estaria mais vinculada às experimentações geográficas de que ordem? Aos mapas temáticos mais comumente disponibilizados nas obras educativas ou por aqueles que circulam no âmbito de uma educação visual mais ampla?

O corpo humano “concebido muito mais no limite da cultura que da natureza [...] vive da sua ininterrupta mutação” (COUTO, 1998, p.13), passando agora, “principalmente devido aos avanços tecnológicos e científicos, a representar, de forma contundente, um misto entre o inato e o adquirido” (PIRES, 2005, p.18). Desse

rompimento da fronteira da pele, que nos permite a mudança das cores da epiderme e a feitura de incisões, queimaduras, perfurações, mutilações e implantes de diferentes tipos, com a finalidade de modificar os contornos e acrescentar elementos à silhueta, possibilita a criação de novas dimensões estéticas, e faz com que o corpo deixe de ser uma ‘referência estável’ e passe a representar o bem que se possui (PIRES, 2005, p.18).

PROCEDIMENTO DA PESQUISA SOBRE AS TATUAGENS GEOGRÁFICAS

Para investigar, nesta etapa da pesquisa, acerca das pessoas que tatuaram mapas em seus corpos contei com o auxílio de uma de minhas orientandas de Iniciação Científica, a saber, Ingrid Rodrigues Gonçalves, pois é muito habilidosa ao lidar com sítios de busca na internet. Por meio do sítio www.google.com.br dei início à pesquisa sobre mapas tatuados. Partindo da palavra-chave em inglês e português, “mapas tatuados” e “maps tattoos” fiz uma busca na categoria “imagens” do referido sítio e fiquei surpresa com a quantidade de postagens acerca dos mapas tatuados. Além disso, descobri o programa de reality show *Miami Ink*¹, cujo primeiro episódio se passa em um

¹ No Brasil o reality show foi exibido pelo extinto *People and Arts* e atualmente é possível vê-lo pelo canal *Liv* (Para maiores detalhes acessar o sítio: http://pt.wikipedia.org/wiki/Miami_Ink).

estúdio de tatuagem em Miami (EUA), tendo como protagonistas os artistas Ami James, Chris Nuñez, Kat Von D, Chris Garver, Darren Brass e Yoji Harada. Neste episódio o surfista americano Sunny Garcia (nascido no Havai) solicita agendamento quando o estúdio não estava totalmente pronto, em decorrência de ajustes finais que estavam sendo realizados. Um dos protagonistas e tatuadores, Ami James, não hesita e agenda a visita do surfista, grafando nele algumas das ilhas que compõem o estado americano do Havai.



Imagem 6



Imagem 7

DAS PESQUISAS SOBRE TATUAGENS

Nas pesquisas sobre tatuagens é frequente os autores evidenciarem relação direta com o gênero, havendo determinados “tipos de marcas e locais do corpo considerados femininos ou masculinos” (CARONI e GROSSMAN, 2012, p.1065). As preferências das mulheres “quanto aos locais do corpo são a parte baixa das costas, seguida pelo pescoço, a canela, o quadril e a barriga e, em proporções menores, os braços, o peito e o tornozelo”, ao contrário dos homens mais inclinados “a tatuar os braços, seguidos pelas costas e a canela e, em quantidade menor, o peito, o antebraço e o pescoço” (PÉREZ, 2006, p.192). Ainda de acordo com esta autora

estas diferenças expressam a forma como se percebe o corpo, com base em parâmetros referentes ao “feminino” e ao “masculino”, marcando limites e transmitindo valores. O corpo é uma construção cultural e, como tal, sinalizado, fragmentado e sexualizado em cada uma de suas partes. Assim, por exemplo, a parte baixa das costas, o quadril e o pescoço – locais preferidos, como vimos, pelas mulheres – são considerados áreas de especial conotação erótica feminina, adornados e exibidos como formas de atração sexual. Já no caso dos homens, os braços e as costas são relacionados à força e à virilidade, atributos dominantes da masculinidade (PÉREZ, 2006, p.192-193).

Segundo Pérez (2006, p.193) a dicotomia vinculada ao gênero (feminino e masculino) possibilita, ao mesmo tempo, sua recriação simbólica “não tão ligada ao erotismo como nas escolhas dos locais do corpo, mas às qualidades de comportamento”. Ou seja, para além da clássica tatuagem tribal predominante em ambos os sexos “as mulheres inclinam-se por motivos como corações, flores, borboletas, golfinhos, anjos etc., que representam os valores femininos associados ao delicado e ao terno” (p.193), e os homens, por sua vez, “escolhem motivos de índios, animais selvagens e/ou mitológicos, caveiras, crânios e outros, que vinculam o ser masculino a valores ligados à valentia, à agressividade, à rudeza e à força” (p.193).

Embora eu reconheça que a escolha da imagem a ser grafada possua forte vinculação com o gênero e sua recriação simbólica, conforme apresentado acima, acredito também que marcas oriundas da linguagem cartográfica escapam completamente à relação de gênero. Não há mais uma rostidade definida acerca do sujeito da tatuagem. Tenho visto inúmeras pessoas, independentemente de sexo com

mapas tatuados, os quais se juntam a outras imagens grafadas na superfície da pele. Os locais do corpo, onde estes mapas são grafados, possuem semelhanças e, ao mesmo tempo, diferenças com os demais tipos de tatuagens, pois não são grafados em uma parte específica do corpo.

DAS TATUAGENS GEOGRÁFICAS

As justificativas dadas pelas pessoas que tatuam mapas são bastante variadas: desde homenagens ao Brasil e a lugares que não existem mais, como a possibilidade de ir colorindo pouco a pouco o mapa mundi tatuado nas costas, por exemplo, à medida que alguns países são visitados, mesmo que parcialmente. Apesar de não nos darmos conta, a todo instante o espaço realiza inscrições em nosso corpo, exprimindo uma determinada corporeidade. Ora estamos mais amolecidos, ora mais enrijecidos, ora nem uma coisa nem outra, porque o espaço tomado aqui como uma “dimensão de trajetórias múltiplas, uma simultaneidade de estórias-até-agora” (MASSEY, 1998, p.49), nos marca o corpo por meio da pele, dos sentidos, dos odores, das trajetórias.

Quando a linguagem cartográfica é deslocada para a superfície da pele, entendida como suporte da e para a arte, talvez seja para perenizar algumas destas trajetórias – vividas, imaginadas ou desejadas, afinal definir a imagem (ou desenho) que será tatuada mesmo que seja um mapa “não é algo trivial. Não é um problema que se reduza à escolha de uma determinada imagem, mas é de fato a busca de ‘algo’ com o qual a pessoa se identifique e, nessa medida, adquira o valor de ser inscrito e eternizado em seu corpo” (PÉREZ, 2006, p.185), ou seja, “aspectos que não são vazios de significado e que permitem elaborar um reconhecimento de si mesmo e do entorno social em que se vive” (p.198). Apresento, a seguir, uma tipologia dos mapas tatuados, incluindo o “mapa invertido” (de 1943) do artista uruguaio Joaquín Torres-García.

a. Contornos de países, continentes, mundos.



Imagem 8

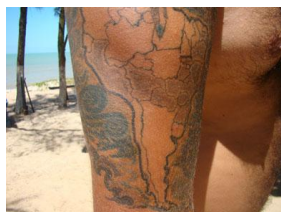


Imagem 9



Imagem 10

b. Mapas topográficos



Imagem 11

c. Plantas urbanas



Imagem 12
Centro da Cidade do México

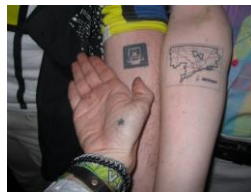


Imagem 13
Cidade de Detroit (EUA)

d. Lugares imaginários



Imagem 14
Geografia do Senhor dos Anéis

e. Mapa mundi



Imagem 15

f. Mapas históricos



Imagem 16
Hannover em 1896



Imagem 17
Paris em 1910

g. Mapas de metrô



Imagem 18
Chicago



Imagem 19
Seul



Imagem 20
Boston

h. Mapas de rodovias



Imagem 21
Estado do Texas (EUA)

i. Obras de arte

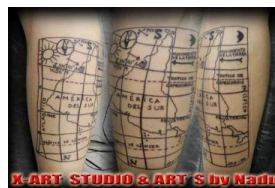


Imagem 22

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordar os mapas tatuados meu propósito foi apresentar o deslocamento de uma linguagem situada no âmbito dos estudos geográficos, como a cartografia, para o contexto cultural mais amplo. No corpo os mapas assumem formas e sentidos que vão muito além dos motivos pelos quais costumeiramente lançamos mão de um mapa, seja ele em papel ou oriundo da internet. Neste primeiro momento, nos debruçamos nas imagens das tatuagens geográficas disponibilizadas em vários sítios da internet. A quantidade de pessoas que estão a tatuar mapas não é pouco e menos ainda desprezível.

Em algumas pesquisas sobre tatuagens, em geral, encontrei aspectos importantes deste contexto artístico tão específico. Da escolha da loja (estúdios de tatuagem) até a seleção da imagem a ser grafada na pele há uma trama de relações sociais, envolvendo a pessoa que será tatuada e o tatuador. Estes aspectos de cunho mais antropológicos são importantes para se traçar a complexa rede fronteiriça que a arte da *body modification* abrange. Isto posto estou a buscar, na próxima etapa da pesquisa por meio das redes sociais e no dia-a-dia dos lugares por onde passo, pessoas que escolheram mapas como uma das imagens a serem grafadas na pele.

Eu preciso tatuar um mapa para marcar permanentemente na minha pele aquilo que da vida um dia acabará: o sentido que me faz caminhar de leste para oeste e de norte para sul. (*Do livro impublicável de Marina Carvalho*)

REFERÊNCIAS

- BRAGA, Sandro. A tatuagem como gênero: uma visão discursiva. **Ling. (dis)curso**, Tubarão, v.9, n.1, abr. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-76322009000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 set. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1518-76322009000100007>.
- CARONI, Mariana Malheiros; GROSSMAN, Eloisa. As marcas corporais segundo a percepção de profissionais de saúde: adorno ou estigma?. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v.17, n.4, abr.2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232012000400027&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 set. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232012000400027>.
- CARVALHO, Eric de. Imagens e alteridade: reconhecendo o outro por meio da identificação de símbolos de pertencimento. Revista eletrônica do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, nº1, dez. 2009. Disponível em <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comtempo/article/viewFile/6728/6097>. acessos em 17 set. 2013.

- CAZETTA, Valéria. As coreo-geo-grafias em pina: para fazer a geografia dançar. **Entre-Lugar**, Dourados (MS), v.04, n.07, 2013. Disponível em <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/entre-lugar/article/viewFile/2668/1518>>. acessos em 17 set. 2013.
- COUTO, Edvaldo Souza. **O homem-satélite**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Campinas (SP): Unicamp, 1998.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- FERREIRA, Vitor Sérgio. Tatuagem, body piercing e a experiência da dor: emoção, ritualização e medicalização. **Saude soc.**, São Paulo, v. 19, n. 2, jun. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902010000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 set. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-12902010000200002>.
- FONSECA, Fernanda Padovesi e OLIVA, Jaime. **Cartografia**. São Paulo: Melhoramentos, 2013.
- GEIGER, Paulo (Org.). **Novíssimo Aulete**. Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa. São Paulo: Lexikon, 2012.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.22, n.02, 1997, p.15-46.
- LISE, Michelle Larissa Zini et al. Tatuagem: perfil e discurso de pessoas com inscrição de marcas no corpo. **An. Bras. Dermatol.**, Rio de Janeiro, v. 85, n. 5, out. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0365-05962010000500006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 set. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0365-05962010000500006>.
- MASSEY, DOREEN. **Pelo espaço**. Uma nova política da espacialidade. Trad. de Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- PARNET, Claire. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Entrevista realizada por Claire Parnet [1988-1989]. Transcrição disponível para download em: <http://www.4shared.com/document/xsbNQzLw/deleuze-o-abecedario.html> (Originalmente produzido em vídeo). Realização Pierre-André Boutang. Paris: Éditions Montparnasse, 1988-1989. Documentário. 158 minutos.
- PÉREZ, Andrea Lissett. A identidade à flor da pele: etnografia da prática da tatuagem na contemporaneidade. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, abr. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132006000100007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 set. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93132006000100007>.
- PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da arte: piercing, implante, escarificação, tatuagem**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.
- SABINO, César; LUZ, Madel T. Tatuagem, gênero e lógica da diferença. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312006000200007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 17 set. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312006000200007>.
- WILLIAMS, Raymond. Ideas of nature. In: _____. **Culture and materialism**. Londres: Verso, 2005. p.67-85.

Fonte das imagens

Imagem 1: <http://www.mdig.com.br/index.php?itemid=28175>

Imagem 2: <http://edutattoo.com.br/2012/11/04/tatuagem-do-carpinejar/tattoo-do-carpinejar/>

Imagem 3: <http://edutattoo.com.br/2012/10/15/carpinejar-e-a-tatuagem-de-porto-alegre/carpinejar-porto-alegre-edu-tattoo/>

Imagem 4: <http://mybestwishblog.tumblr.com/post/32024687582/uaaaau-cada-lugar-que-ele-viaja-ele-colore>

Imagem 5: http://www.picstopin.com/1650/planisferio-con-division-politica-sin-nombres/http://paraimprimir*org/wp-content/uploads/2012/12/Planisferio-con-division-politica-sin-nombres*.jpg/

Imagem 6: <http://miamiink.blog.terra.com.br/>

Imagem 7: <https://maps.google.com.br/maps?q=mapas+do+hava%C3%AD&ie=UTF-8&hq=&hnear=0x7bffdb064f79e005:0x4b7782d274cc8628,Hava%C3%AD,+EUA&gl=br&ei=Hw47UrmSL4rK9gSXuoHwBA&ved=0CCwQ8gEwAA>

Imagem 8: <http://caras.uol.com.br/especial/tv/post/isis-valverde-faz-tatuagem-com-o-mapa-do-brasil-desenho-tattoo#image1>

Imagem 9: <http://www.tintanapele.com/2012/03/tecnico-em-turismo-tatua-mapa-da-america-do-sul-no-braco.html>

Imagem 10: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=4724539891947&set=a.4688295785867.1073741825.1848121499&type=3&theater>

Imagens 11, 12, 13, 16, 17, 18, 19, 20 e 21: http://gizmodo.com/11-map-tattoos-that-pay-tribute-to-cities-and-their-sys-830019049?utm_source=feedburner&utm_medium=feed&utm_campaign=Feed%3A+gizmodo%2Ffull+%28Gizmodo%29

Imagem 14: <http://maisumapaginalivros.blogspot.com.br/2013/05/tatuagens-literarias-4.html>

Imagem 15: <http://tatuagens.org/mapamundi/>

Imagem 22: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=619556801392133&set=t.100002920604635&type=1&theater>